

tos de minha vida e vomitando-os repetidamente". E acrescentou: "Otimismo não é comigo. Sempre serei deprimido, mas o que me conforta é a compreensão de que agora posso aceitar esse lado escuro como o predominante de minha personalidade".

Quanto ao seu êxito, ele o atribui mais a "um intuitivo senso de desespero" do que ao talento. "É-me impossível falar de minha obra, porque estou sempre trabalhando no escuro", disse em uma de suas raras entrevistas. "Não há pontos de referência em minha obra. Estamos todos à deriva. Temos de inventar um mundo no qual sobreviver, mas mesmo esse mundo inventado está impregnado de medo e culpa. Nossa existência é sem esperanças." Disse ainda que se tornava cada vez mais difícil, para ele, escrever, porque "cada palavra é como uma mancha desnecessária no silêncio e no nada".

Não, Beckett não é popular. Em

1969, quando ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, esse irlandês ascético, com algo de santo, vivia de traduções, e muitos de seus amigos acreditam que só isso, a pobreza, o levou a aceitar o prêmio — com sua bela soma em dinheiro — que, de outro modo, recusaria. Mas, mesmo assim, sempre tímido e recolhido em si mesmo, recusou-se a assistir à cerimônia de entrega em Estocolmo, Suécia. Enviou o seu editor francês para representá-lo.

Beckett, que se notabilizou com peças de teatro como Fim de Jogo, A Última Fita de Krapp, Dias Felizes e, sobretudo, Esperando Godot, é considerado por muitos, apesar disso, como mais um prosador que um dramaturgo, e há mesmo quem diga que suas obras para a cena pouco mais são que dramatizações de seus textos livres — embora todos lhe reconheçam um perfeito domínio das artes cênicas, e em algumas de suas últimas peças não haja sequer texto. Uns